

# Os riscos do pré-sal



Benjamin Ribeiro\*

O petróleo da camada de pré-sal, localizada no litoral brasileiro, mais precisamente na Bacia de Santos, ainda está na fase de prospecção. As perspectivas são as melhores possíveis, mas, antes que se saiba seu real valor e como serão sanadas as dificuldades para sua exploração, a verba advinda da retirada desse combustível do fundo do mar já está, praticamente, toda destinada.

No dia 11 de junho, após mais de 11 horas de discussões, o Senado aprovou, por 38 votos favoráveis, 31 contrários e uma abstenção, a criação do Fundo Social do Pré-Sal, que determina que 50% dos recursos deste fundo sejam destinados exclusivamente ao financiamento da educação pública superior e básica. A outra parte destina-se aos setores social, do meio ambiente e outros tantos. É louvável da parte do governo

e do parlamento brasileiro destinar verbas para áreas que realmente são carentes hoje, mas é preciso agir com cautela, primeiramente pesquisando as reais condições do petróleo existente na camada pré-sal e os meios de retirá-lo do fundo do mar.

De outra parte, depois de ler a entrevista, publicada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, do respeitado biólogo marinho Richard Steiner, profundo conhecedor de vários desastres ecológicos, especialmente o vazamento do navio-tanque Exxon Valdez, em 1989, entendo que assuntos como a preservação do meio ambiente e um possível acidente como o da plataforma do Golfo do México, nos EUA, deveriam estar presentes nas preocupações das autoridades brasileiras, antes que se inicie a exploração do petróleo em águas profundas.

Segundo Steiner, os brasileiros deveriam se preocupar, e muito, com o risco da prospecção nessas condições. Se o governo vai levar seus planos adiante, deve fazer isso exigindo a melhor tecnologia disponível para reduzir o risco de uma explosão semelhante à ocorrida no Golfo do México. E essa tecnologia, que está sendo desenvolvida agora, consiste em travas hidráulicas de lâmina dupla, destinadas a selar a tubulação de escape. A maioria das travas hoje só tem uma lâmina.

Outra sugestão do biólogo é que seja perfurado, mesmo durante a fase exploratória, um poço de alívio próximo, pois, em caso de explosão, não seria preciso esperar meses para a solução do caso, como ocorre atualmente no golfo.

Pesquisando esse tipo de exploração, podemos constatar que grandes vazamentos de petróleo não são novidade na Nigéria. O Delta do Níger é submetido, há 50 anos, ao equivalente a um derramamento do navio Exxon Valdez, ou seja, 41 milhões de litros por ano. O petróleo vaza quase todas as semanas, e alguns pântanos, há muito, não têm mais vida.

Não temos nada contra a exploração do petróleo em águas abaixo da camada do pré-sal, que pode ser a redenção econômica do país, tampouco contra a destinação dos seus recursos para a educação pública e para o setor social e do meio ambiente, mas devemos olhar o que acontece no Golfo do México e no Delta do Níger, pois um acidente desse porte pode ser catastrófico. ■

\*Presidente licenciado do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (Sieeesp)

benjamin@einstein24h.com.br

